

ROSAS SANGRENTAS



Luma Beatriz

Dedico este livro a todas as meninas que não se sentem seguras 100% do tempo porque sabem que ainda existe maldade no mundo!

Luma Beatriz

PREFÁCIO

É com imensa alegria que apresento a você a primeira obra da escritora Luma Beatriz Mourão Mendes: “Rosas Sangrentas”. Este conto de suspense e mistério narra a intensa luta de Íris na investigação do sumiço de sua melhor amiga Lis. Escrita de maneira simples e direta, a narrativa nos faz querer participar da história e desvendar suas lacunas.

Com maestria, Luma apresenta a amizade como o fio condutor da narrativa, sendo a força motriz que impulsiona o desenrolar da trama. Sendo assim, a jovem escritora nos faz refletir sobre a importância dos laços humanos e a força que eles nos conferem em momentos de adversidade. Além disso, o certo e o errado permeiam em cada página desse conto, lembrando o que já foi proposto por Fiódor Dostoiévski em “Crime e Castigo”: o assassinato de uma pessoa seria moralmente errado se o objetivo fosse nobre?

Em um mundo onde as linhas entre justiça e vingança poder ser borradas, os personagens de “Rosas Sangrentas” enfrentam dilemas éticos que os forçam a refletirem sobre suas próprias convicções e a verdadeira natureza da justiça.

Por esse motivo, essa obra é de tirar o fôlego, apresentando um final surpreendente.

Por fim espero que essa leitura desperte em você reflexões sobre os valores que norteiam nossas ações e sobre a força de uma amizade em meio às tempestades da vida. Desejo, também, que você acompanhe cada passo dessa busca com o coração aberto e a mente disposta a questionar e a ser questionado.

Lara Luiza de Oliveira Santos
Professora de Linguagens

DESAPARECEU?

Uma semana antes...

- Você demora demais, da próxima vez eu venho só duas horas depois do combinado. -Lis falou de forma exagerada, assim como ela era.

- Eu atrasei vinte minutos, senhorita organização - falei revirando os olhos

- Se eu marcasse pra ir ao seu jogo e eu atrasasse vinte minutos, o que você faria? - Ela falou como a minha mãe falaria.

- O jogo tem 5 sets, ou seja, se você chegasse 20 minutos depois do marcado, não iria perder nada. - Respondi com uma risadinha.

- Então vamos logo para esse debate antes que a gente se atrase mais. - Ela disse ligando o carro.

Em poucos minutos nós chegamos até o local, que era muito bonito. Na entrada tinha poltronas e sofás rodeando uma grande mesa com panfletos das palestras e debates que rodeavam um lindo vaso de flores em cima dela. Seguindo mais adiante, tinha um corredor na direita, que indicava várias barraquinhas com comidas e bebidas e também era o lugar que fazíamos os cadastros e o pagamento, já no lado esquerdo tinham várias salas de

palestras e bibliotecas lindas.- A gente vai se dividir, eu vou para o cadastro e você compra as comidas. - Ela falou com empolgação.

- Você sabe que a essa hora era para a gente estar fazendo compras no shopping, ou indo ao cinema, ou combinando com algum estranho de ir a alguma festa aleatória na casa de alguém, como adolescentes normais. Então você olha em volta e percebe que está prestes a assistir mais de duas horas de palestras e debates sobre a faculdade em uma noite de sexta-feira. - Eu a encaro e faço que não com a cabeça - Mas que irresponsáveis nós somos. - Falo dramatizando exageradamente.

- Meu Deus, somos seres humanos horríveis - Ela debocha. E nós começamos a sorrir juntas. Então o telefone dela toca e ela fecha a cara quando abre a tela do celular.

- O que foi? – Pergunto.

- Nada. - Fala olhando para o celular - Eu só vou atender e já volto. Vai comprando as comidas. - Ela falou se afastando.

- Tudo bem? Você parece meio pálida-pergunto me preocupando um pouco.

- Eu estou bem. Mas sabe o que eu estava pensando?

- O quê?

- A gente deveria ir ao shopping, como adolescentes normais.

- Não, eu estava brincando. Eu gosto desse tipo de evento e você também, a gente gosta de conhecimento, o que é estranho para o pessoal da nossa idade, mas enfim. Vamos ficar. Vai ser legal. - Eu imploro.

- Não, eu mudei de ideia! - Ela fala olhando para os lados.

- Mas você passou a semana inteira falando disso.

- É, mas eu quero ir ao shopping agora. - Ela falou me encarando.

- Vai ser legal. - Puxei um panfleto da mesa que estava perto - Vamos ter um debate, depois uma simulação dos cursos e palestras com Melissa Owlén, Rachel Menzies, Harry Bo...

- Tchau! - Me interrompeu e saiu. E fui seguindo-a até o carro.

Entramos no carro e passamos o caminho inteiro sem conversar. Então chegamos ao shopping e fomos fazer compras para a viagem que eu ia fazer no outro dia,

conversamos sobre notas, roupas e sobre a viagem, mas nada sobre aquele comportamento estranho.

- Posso dormir na sua casa? - Ela perguntou depois de entrarmos no carro.

- Só se me responder porque saímos daquele jeito do evento! - Falo em tom severo.

- Está bem. Amanhã você viaja e só volta na quinta, então eu queria fazer outra coisa sem ser falar sobre a faculdade.

- Tudo bem. - Analiso a justificativa. - Pode dormir lá em casa.

- Agora sim! - Ela se empolga - Só vou avisar para a minha mãe que a gente vai ter uma noite das meninas. - Ela se empolga ainda mais.

Na manhã do desaparecimento...

Cheguei à escola e me sentei no meu lugar de sempre. Eu vi que Lis não tinha chegado ainda, o que era meio estranho, já que ela chegava vinte minutos antes da aula começar e faltavam cinco minutos, mas todo mundo se atrasa e chegou a vez dela. Então a aula começou e ela não estava lá. O dia terminou e ela não estava lá. Mande

mensagem e ela não me respondeu, o que era estranho já que ela sempre responde as mensagens na mesma hora.

Depois da aula, quando eu entrei em casa, fui direto para o meu quarto, pois eu tinha um milhão de coisas para estudar e não poderia me distrair com nada. Ao entrar, vi minha mãe sentada na cama com uma expressão séria e estranha no rosto.

- Filha, precisamos conversar. - Ela falou com uma pontada de pânico na voz.

- Tudo bem? - Falo um pouco ansiosa e preocupada. -
Aconteceu alguma coisa? SILÊNCIO

- Mãe, está me assustando. Fala logo!

- Lis está desaparecida.

POLÍCIA

- Desaparecida- a única coisa que eu ouvi enquanto minha mãe falava.

- Calma aí, está dizendo que Lis, a minha melhor amiga, está desaparecida? -falei em pânico

- Sim, querida. Eu sei que é uma péssima notícia, mas vai ficar tudo bem – falou francamente.

- E os pais dela já falaram com a polícia?

- Já, mas podem fazer o boletim de ocorrência somente com 72 horas de desaparecimento.

- E tem quantas horas de desaparecimento?

- Eu não sei, filha, só me disseram que desde ontem à tarde, depois das aulas não a viram mais.

- Isso é ridículo! - grito - Quer dizer que só vão trabalhar quando os riscos e o perigo aumentar? Como ela deve estar até lá? E se ele tiver ...? Paro de falar, pois ela não podia desaparecer para sempre, eles a encontrariam, não? E, principalmente, com vida, não é?

- Filha, vai ficar tudo bem. Ok? - Disse com aquela voz confortante, que quase me fez acreditar.

- A senhora tem certeza?

- Não, mas eu sei. - Ela responde e depois me dá um abraço.

Depois que minha mãe saiu do quarto, após me dar aquela notícia terrível, fiquei inquieta e desesperada por respostas mais rápidas possível. Então liguei para os pais de Lis e perguntei para eles se já tinham falado com a polícia de novo, tentando mais uma vez, mas eles me disseram que tentaram, porém só tinham se passado 28 horas desde o desaparecimento registrado, ou seja, faltavam 44 horas para procurarem ela, o que era muito tempo. E se fizessem alguma coisa com ela? Com quem ela poderia estar? E se ela fugiu? Por que faria isso? Ela deixou algum bilhete de despedida? Aquelas perguntas não paravam de rondar a minha cabeça e as suposições de resposta que elas faziam eram ainda piores que as dúvidas.

Eu e Lis crescemos juntas, estudamos juntas, éramos vizinhas até poucos meses, vivemos juntas, ela é como uma irmã para mim, se acontecesse alguma coisa com ela eu nunca iria me perdoar. Não podia ficar pensando besteiras ou chorando, enquanto minha irmã do coração poderia estar

correndo perigo. Então peguei minha bolsa e as chaves do carro e decidi que iria fazer algo por ela.

- Aonde a mocinha vai? – Minha mãe pergunta, quando desço as escadas em direção à sala.

- Na delegacia, tudo bem? - Perguntei enquanto ela me olhava com aquele semblante de pena.

- Sim. Só não volta tarde, nós ligamos para os Millicents e daqui a umas duas horas iremos colar cartazes de desaparecimento e é importante que esteja aqui.

- Está bem, prometo voltar em menos de duas horas. - Dei um tchauzinho para a minha mãe e fui.

Quando cheguei à delegacia, tive que responder a um formulário com minhas informações gerais e, depois de preenchê-lo, esperei para falar com o delegado. Quando chegou minha vez de ir à sala dele:

- Senhorita, Irís, o que a traz aqui?

- Uma pessoa desapareceu e...e, bem, acho que o senhor sabe, é Lis Millicent, e preciso dela, então... – Não conseguia mais falar, eu tinha ensaiado o que dizer para o delegado, mas tinha um nó na minha garganta e me sentia estranha ali, não sabia o que fazer, estava desesperada por respostas e precisava tentar, porém era estranho estar ali

falando de frente para um delegado que minha melhor amiga havia desaparecido.

- Bem, hoje recebemos essa denúncia, mas por enquanto não podemos agir, por causa do protocolo.

- Como assim o protocolo? - Comecei a me irritar.

- Tem uma possibilidade de ela ter saído para a casa de algum amigo, brigado com os pais, saído para refrescar a cabeça ... sabe, coisa de gente jovem, ou seja, nós damos 72 horas para a pessoa, então depois que isso acontece e o adolescente não volta, começamos a procurá-lo. Entendeu?

- Eu sou melhor amiga dela e lhe garanto que essa menina não faz nada de errado. Sério! Ela e os pais têm um ótimo relacionamento, não tem problemas na escola, pelo contrário, ela tem o boletim invejável, as pessoas gostam dela, é totalmente racional e transparente, o celular dela nunca fica desligado, sempre avisa aos pais ao sair e ao voltar para casa. Vai por mim, eu sei de quem eu estou falando, eu até pensei nessa possibilidade, mas não faz sentido.

- Desculpe-me, mas não posso começar a investigar agora.

- Mas o celular dela estava desligado e não avisou que ia voltar. Por favor. Eu imploro. Não posso perdê-la.

- Não posso fazer nada. - Ele disse de forma seca e insensível enquanto apontava para a porta.

Então me virei e saí por aquela porta e a única emoção que sentia naquele momento era raiva. Eu sabia que ela não iria sumir assim. Então quer dizer que uma menina desaparece e a policia não vai fazer nada, as autoridades irão se pronunciar somente se acontecer uma tragédia?!

Que raiva!

Se fosse o filho de um general ou do governador, eu tenho certeza de que eles já teriam se mobilizado, entretanto é uma menina indefesa que pode ter sido sequestrada e estar em perigo, sendo assim não vão fazer nada.

Que raiva!

Entrei furiosa no carro. E naquele momento decidi que se a policia não agiria, eu iria atrás da Lis, iria achá-la e provar para a polícia que eles estão errados. A partir daquela hora, decidi de uma vez por todas, que nem a polícia me derrubaria e que eu salvaria a minha melhor amiga, custe o que custasse.

O DIÁRIO

Eu ainda tinha 48 minutos para voltar para casa, assim como prometi para minha mãe, por isso usei esse tempo para começar a minha investigação. Fui até a casa dos pais de Lis, o que era um pouco difícil naquele momento, mas eu precisava fazer isso. Bati na porta, então Regina, mãe dela, abriu.

- Íris! - falou meu nome com pouca força, e bastante tensa. Ela parecia cansada e um pouco pálida.

Respondi-a com um abraço sincero e apertado e senti suas lágrimas em minha blusa, então começamos a chorar juntas. Depois disso ela me convidou a entrar e contei-a sobre a minha investigação e pedi para entrar no quarto de Lis.

Quando cheguei àquele quarto, confesso que foi um pouco frustrante não a encontrar lá, então pensei em ser profissional e começar a procurar por pistas dos lugares em que ela tinha ido antes, ou com quem ela poderia estar falando em segredo talvez, ou seus segredos mais sombrios, que não tinha me contado.

Olhei primeiro debaixo da cama, depois no guarda-roupa, depois nas prateleiras. Até que pensei que se eu fosse esconder algo não o colocaria em lugares fáceis de ser encontrado. Dessa forma, procurei em gavetas e armários fundos falsos ou algo do tipo e, enquanto olhava debaixo dos armários, vi de canto um pedaço de cerâmica no chão que estava torta. Coloquei minha mão e a empurrei, encontrando uma chave.

Ela era relativamente pequena e com certeza não era de uma porta, daquele tamanho só poderia ser a chave de um diário. Fiz questão de procurar debaixo do colchão, pois foi o único lugar que conseguia pensar para esconder um caderno que continha segredos. Por isso o levantei, no entanto não encontrei nada, mas ao abaixá-lo, senti um certo relevo dentro dele, que a colcha conseguia esconder muito bem. Então coloquei a minha mão dentro do corte que havia e peguei algo, quando puxei lá estava ele: O DIÁRIO.

Coloquei a chave e o diário na minha bolsa, e vi que faltavam 15 minutos para começar a colagem de cartazes e que eu não poderia perder.

Despedi-me silenciosamente do quarto e desci. Quando vi a mãe de Lis me esperando nas escadas, falei:

- Senhora Millicent, eu posso ir levando alguns cartazes, se não se importar. - disse a ela.

- Claro! Na verdade, irá ajudar bastante.

Ela me levou até a porta e, quando eu ia saindo, abraçou-me novamente.

- Obrigada! - Ela agradeceu.

- Vamos achar nossa garota. - Disse a ela com um sorriso, acenei e saí.

SEGREDOS

Após chegar da colagem de cartazes, abri o diário e comecei a analisá-lo. Logo ao abri-lo, vi o mapa da nossa cidade colado nas duas primeiras páginas e ao longo dele tinham pontinhos coloridos em algumas casas, grandes e centrais como a dela.

Na página seguinte tinha um grande desenho de uma rosa, com algumas pétalas caídas no contorno da figura, era feito a mão e, diferente do mapa, estava somente a lápis em preto e branco e embaixo dela estava escrito PB, aquilo poderia significar preto e branco. Mesmo achando estranho fui para a próxima página, e conseguiu ficar ainda mais esquisito. Nela tinha uma lista com o nome de onze meninas com um número na frente, que parecia ser o telefone delas e outro número parecia ser a data de seus aniversários, sendo dispostos dessa forma:

Rosa – 908976732 (03/01/2002)
Jasmim – 900345128 (27/06/2005)
Açucena – 999834265 (28/01/ 2002)
Tulipia – 999934501 (01/07/2006)
Margarida – 912367089 (25/03/2003)
Gazânia -991808327 (16/07/2006)
Violeta - 978332195 (11/05/2003)
Lily – 9246810120 (30/07/2007)
Dália – 999765123 (15/05/2005)
Orquídea - 936121518 (04/08/2007)
Amarílis – 908633752 (21/05/2005)

Nunca pensei que diria isso, mas existe uma sequência, como se fosse um código: todas essas meninas têm nomes de flor e as datas dos aniversários estão em ordem crescente. Fiz questão de anotar essas informações. Então passei para a próxima página e encontrei mais uma surpresa. Naquela página ela havia escrito: *ASSISTENCES & CIA*, que era o nome de uma empresa famosa da cidade, que aliás há cinco anos teria sido processada pela prefeitura e o dono foi solto da prisão esse ano, voltando a gerir a empresa.

Então na próxima página tinha uma simples frase, que não fazia o menor sentido, sendo ela: “*SOU A PRÓXIMA*”. Depois disso não tinha mais nada. Naquele momento percebi que ela sabia muito mais sobre mim do que eu sabia sobre ela, assim entendi que alguns mistérios só são descobertos no momento em que alguém é posto em perigo total.

Queria que ela estivesse me contado isso, mas pensando bem, talvez eu nunca a entenderia, na verdade até agora não entendo o que está acontecendo. Eu queria ter ouvido mais, entendê-la. Ela sabia que poderia contar comigo para tudo e não contou, eu me sinto uma péssima amiga, por isso farei de tudo para encontrá-la e provar para

ela que quando digo que pode me contar tudo, não estou sendo somente educada, quero de verdade saber o que aconteceu e por que ela não pediu a minha ajuda, pois mesmo que eu não pudesse eu tentaria ajudar, agora tenho que dizer isso a ela e espero que esteja viva até lá.

Não poderia pensar besteira, então foquei totalmente naquelas informações soltas que estavam anotadas no diário. Fiz uma cópia delas e coloquei presas com tachinhas de diferentes cores aquelas informações em uma lousa que eu tinha comprado. O mapa estava com uma tachinha branca, o nome das meninas em uma vermelha, a rosa com uma preta, o nome da empresa com uma verde e no meio coloquei aquela frase suspeita, puxando setas com algumas perguntas: “O que isso quer dizer?”, “De quem são essas casas?”, “Quem são essas pessoas?”, “O que significa a rosa?”, “O que isso tem a ver com a *ASSISTENCES & CIA?*”, “Ela sabia que iria desaparecer?”

Minha mente ficou tentando assimilar aquelas informações, mas ela não conseguia. Então decidi que deveria dormir e amanhã depois da aula eu iria descobrir de quem eram aquelas casas e que conexão elas tinham com esse caso.

AS CASAS CENTRAIS

O despertador tocou, mas eu já estava acordada há horas, na verdade nem dormi direito. Eu tinha um plano, que era acordar, ir para escola e depois da aula começar a investigar, no entanto eu não iria conseguir prestar atenção na aula, então decidi começar logo cedo e não ir à escola. Antes de sair, peguei uma mochila e coloquei um caderno, uma lanterna, luvas, canetas e o diário. Ao entrar no carro, coloquei no GPS o endereço da casa marcada de verde e fui.

Era um casarão branco com portas de vidro, cercada por um lindo jardim de flores, assim como a casa de Lis. Toquei a campainha e uma mulher com lindos cabelos ruivos e pele sardenta atendeu a porta. Ela não era tão velha, parecia ter a mesma idade de Regina, mas tinha aparência cansada, assim como a dela.

- Bom dia! Em que posso ajudá-la? - Perguntou a mulher simpaticamente.

- Olá! Eu me chamo Íris. Estou investigando o desaparecimento de Lis Millicent e queria saber se senhora poderia me dar uma entrevista. Teria um tempo?

- Tenho sim, e desculpe... como sou esquecida, eu me chamo Kate Roshman, prazer em conhecê-la, pode entrar. - falou a mulher desajeitadamente, apontando para eu entrar.

- Quer dizer que a filha dos Millicents desapareceu?! – Ela expressa certo choque. - Meu Deus! Regina deve estar desesperada! Como assim? Outra... isso é terrível.

- A senhora disse outra? - Falo confusa, puxando o caderninho da mochila.

- Não, eu pensei alto...não é nada. - Disfarçou ela.

- E desde quando conhece os Millicents?

- Meu marido e o de Regina trabalham há anos juntos na prefeitura e nós somos muito amigas desde sempre, mas ela não tinha me contado que a filha tinha desaparecido.

- Ela ainda está processando tudo. - Eu exclamo.

- Eu entendo. – Sua voz começa a ficar mais triste.

- A senhora tem algum filho ou filha adolescente?

- Sim, eu tenho a Lily de 17 anos. - Ela soava ainda mais triste, sendo a deixa perfeita para eu encerrar aquelas perguntas e sair.

Quando cheguei ao carro. fiquei me questionando por que ela falou “outra?”, ou então por que ela ficava triste ao falar da filha. Realmente havia algo de muito suspeito naquela mulher. Por causa disso, pesquisei a conta do *Instagram* da filha e vi algo ainda mais suspeito. A última postagem foi feita há uma semana, sendo ela um *post* de desaparecimento de Lily. Então essa era a outra. Lily também havia desaparecido.

Com o choque daquela descoberta, fui anotá-la em meu caderninho e quando abri a mochila me deparei com o diário, então de forma apressada fui folheando-o até encontrar aquela página. A lista de meninas com nomes de flores. Lá estava Lily, com seu nome e casa marcados naquela folha de papel.

Passei ainda uns vinte minutos encarando parada e em silêncio aquelas informações. Até que comecei a ligar para todos aqueles números de telefone e ninguém atendia. Depois fui em mais três casas marcadas no mapa e recebi as mesmas reações das mães que atendiam a porta, parecia até um padrão, descobria o sobrenome das meninas e quando pesquisava ou nas suas contas, ou na dos pais, lá estavam elas: todas desaparecidas.

Não conseguia entender porque as mães não falavam que suas filhas estavam desaparecidas, existia algo muito suspeito nelas, parecia até ensaiado, falavam coisas parecidas, estavam distantes, só citavam suas filhas se eu perguntasse.

Com certeza eu não estava mais investigando uma menina, e sim doze, então precisava adivinhar fatos em comum entre elas, descobrir pistas e tomar cuidado. Também havia algo de estranho na página com a mensagem “*sou a próxima*”. Ela estava adivinhando ou ela sabia que iria desaparecer? Elas estavam juntas nessa? Existiam mais perguntas e eu provavelmente não tinha muito tempo para respondê-las, precisava descobrir o que aconteceu com todas essas meninas e onde elas estavam. E eu iria responder.

O PADRÃO

Ao chegar em casa, a primeira coisa que fiz foi adicionar aquelas novas informações na minha lousa. Depois disso, analisei novamente aquilo e percebi que já existiam três pontos principais na investigação que deveria ser resolvido:

- 1- *Qual é a conexão existente entre essas garotas?*
- 2- *Qual é a relação entre a ASSISTENCE & CIA e as meninas?*
- 3- *O que significa a flor e a abreviação PB que tem no desenho?*

Essas eram as minhas dúvidas principais e eu achava que as desvendando, conseguiria resolver o mistério. Então decidi fazer um formulário com as informações gerais das meninas, contendo nome completo, data de nascimento, idade atual, currículo escolar, amigos próximos, nome dos pais e endereço. Tive que conversar com amigos de algumas meninas para descobrir algumas coisas, mas no final eu consegui preencher o de todas.

Depois de fazer isso, observei a lista com a data de desaparecimento de cada uma:

DATA DE DESAPARECIMENTO:

Rosa: 19/02/2023

Açucena: 26/02/2023

Margarida: 04/03 /2023

Violeta: 11/03/2023

Dália: 18/03/2023

Amarílis: 25/03/2023

Jasmim: 01/04/2023

Tulipia: 08/04/2023

Gazânia: 15/04/2023

Lily: 22/04/2023

Orquídea: 29/04/2023

Lis: 06/05/2023

Percebi que as meninas estavam “sumindo” em ordem de idade e, ao conferir no calendário, vi que existia sim um padrão entre essas datas. Todas as segundas-feiras, a partir de 19 de abril, há um novo desaparecimento. Além disso, outro ponto em comum, ou talvez coincidência, mas é interessante anotar o fato de que os pais das garotas trabalham na mesma prefeitura há mais de 20 anos.

Agora já tinha conseguido provar que Lis estava em perigo, assim como as outras onze meninas. Agora poderei mostrar a uma autoridade que possa resolver o caso para que eu fique menos preocupada, pois quanto menos se sabe, a esperança é maior e a culpa é menor. Nesse momento, pensei que deveria finalizar logo e mostrar à polícia que existia um perigo iminente, mas eles estavam simplesmente ignorando devido a sua falta de competência e profissionalismo.

Por esse motivo, decidi organizar um evento e convidar as pessoas para falar sobre o desaparecimento dessas meninas, eu faria uma apresentação com as informações que tinha e solicitaria ajuda para a elaboração de cartazes contendo o nome de todas as vítimas. Depois disso tenho

certeza de que a polícia iria ficar com tanta vergonha, que faria seu trabalho de verdade agora.

Elas almejavam justiça!

Elas precisavam de justiça!

Elas terão justiça!

EVENTO BENEFICENTE

- Senhor e senhora Millicent, é uma boa ideia, eu juro! Irá ajudar não somente Lis como também outras meninas que desapareceram e serviria até como protesto para a polícia achá-las. - Falei isso para o pai e a mãe da minha amiga no dia seguinte quando fui a casa deles, pedindo, ou melhor, implorando aquilo.

- George, vem cá! - Chamou Regina, apontando na direção da cozinha, fazendo o marido se levantar e ir até o cômodo. – Licença, Íris, nós já voltamos. - Ela falou se dirigindo à cozinha assim como o marido fizera.

Eles voltaram em cinco minutos com expressões bem controversas. Enquanto Regina parecia calma, George parecia inquieto e desconfortável.

- E qual é o veredito? - Perguntei tentando quebrar a tensão da sala, porém isso não aconteceu.

- Pode fazer sim, querida, aliás aqui em casa, chame algumas pessoas que eu chamarei outras. Pode ser amanhã às 19:00?

- Claro! Conforme a vontade de vocês. - Falei com excesso de esperança.

- Só queria fazer uma exigência, ok?

- Sim. - Falei um pouco preocupada.

- Traje formal, de preferência vermelho vinho. - Ela foi bem específica.

- Ótimo! - Disse aliviada.

Quando cheguei da escola, fiz várias cópias dos avisos de desaparecimento das meninas, junto com seus formulários, depois postei nas minhas redes sociais as informações e o convite para o evento. Além disso, separei cartazes para a escola avisando sobre aquela formalidade.

Depois de um longo dia, fui dormir e, mesmo com praticamente toda a minha parte feita, ainda fiquei pensando naquela conversa suspeita entre George e Regina. Eles poderiam ter decidido rapidamente na minha frente, mas saíram e quando voltaram pareciam diferentes, enquanto ele estava preocupado, ela estava esperançosa. Sei que ele não gostou, dava para ver nos seus olhos distantes e distraídos, mas eu estava tentando ajudar e conhecendo-os não haveriam pensado duas vezes, pois eles sempre ajudam as pessoas.

Existia alguma peça que não se encaixava no quebra-cabeça e eu sabia que faltava alguma coisa, pois tinha deixado a investigação em aberto, mesmo ainda faltando dois pontos principais. Mas a partir de amanhã a polícia resolveria, era disso que eu estava tentando me convencer, pena que não estava dando certo colocar esta ideia na minha cabeça.

No outro dia fui à escola e na hora do intervalo coleí os cartazes e fiz questão de pedir para as pessoas que fossem ao evento assinarem uma lista de confirmação. Admito que pensei na possibilidade de ir pouca gente, mas na verdade, no final do dia, minha lista tinha trinta e seis alunos e doze professores lutando por essa causa. Eu me senti mais feliz por descobrir que mesmo que exista a maldade no mundo que faz pessoas desaparecerem, também existe humanidade, empatia, respeito e pessoas de coração puro que vão a eventos beneficentes lutar por uma causa.

Depois da escola, eu passei em uma loja de vestidos para escolher o traje que eu usaria. Passei uns bons 45 minutos procurando, mas somente quando eu já estava cansada achei um vestido perfeito. Ele era vermelho vinho quase preto, fosco, com um pequeno decote e tinha uma

leve fenda. Era uma roupa simples, porém dramática, que expressava todas as emoções que eu sentira nos últimos dois dias. Gostava do vestido, assim como aprendi a não odiar tanto aquelas emoções, pois elas estavam me fazendo crescer. E eu também gostava disso.

Ao chegar à festa, vejo a sala da casa dos Millicents virar um lindo salão de festa. A decoração era simples e nela tinha muitos vasos, cada um com um tipo de flor. A música estava sendo tocada no piano de uma forma bem discreta, de um modo que dava para apreciar a melodia e ao mesmo tempo entrar em discussões sobre as meninas desaparecidas. Todos os convidados estavam muito elegantes e simpáticos, até porque havia muitas pessoas naquele casarão.

- Que bom que eu te encontrei! - Regina exclama.

- Igualmente! A senhora está linda! - Eu falo notando sua pulseira com uma linda, enorme e delicada flor branca e o seu vestido vermelho vinho com plumas no contorno do busto e na bainha da saia, que a fazia parecer delicada e estonteante ao mesmo tempo (acho que essa coisa de análise psicológica pela roupa virou meu novo *hobbie*).

- Obrigada! Você também está lindíssima!!! - Ela exclamou. - Agora mudando de assunto, queria que você discursasse no palco daqui a duas horas, tudo bem?

- Claro! Seria um prazer. - Falo um pouco tímida e logo depois ela sai junto com o garçom, provavelmente reclamando com ela de uma maneira bem discreta.

Quando ela sai, fico pensando em algo para dizer no discurso e estava tão distraída que acabo esbarrando em uma mulher que estava atrás de mim, ela passou e depois pedi desculpa. Nesse momento, percebi algo estranho. Ela também usava uma pulseira igual a da senhora Millicent. Depois disso não consegui me segurar, havia com certeza um padrão suspeito e eu precisava desvendá-lo.

Prometi a mim mesma que iria entregar o caso, mesmo em aberto, para as autoridades, mas meus instintos não deixavam. Eu tinha que terminá-lo para finalmente conseguir dormir de novo, para não perder mais aula, para aproveitar os momentos do meu dia com a minha família e não ficar o dia trancada em um quarto resolvendo um mistério. Eu precisava fazer com que meus pensamentos parassem de me atormentar e, principalmente, ter minha melhor amiga e irmã de volta.

Estou de volta, então o novo passo é declarado, eu precisava achar todas as mulheres com aquela mesma pulseira no braço. Rondei o espaço umas três vezes,

conversei com algumas pessoas e descobri que tinham doze mulheres com a flor no braço e todas elas tinham mais ou menos a idade de Regina, o que se tornava ainda mais suspeito.

Então me sentei e fiquei analisando a situação. Eu me distraí tanto, que em um segundo senti uma forte dor no pé e, quando olhei para baixo, lá estava a marca preta de um solado, provavelmente de tênis, em meu lindo salto branco. Fui ao banheiro tirar a mancha, então peguei uma daquelas toalhas de mão, molhei-a e passei no sapato, mas quando eu virei, vi o desenho de uma flor. Sabia que já tinha visto aquilo em algum lugar. Por isso, abri com pressa a galeria do celular, rolei para barra de fotos recentes e lá estava ele: o desenho no diário de Lis.

Aquilo com certeza não era uma coincidência.

Notei que deveria sair do banheiro e começar a procurar em outros cômodos aquela imagem. Fui até o quarto de Lis e comecei a procurar novamente em todos os locais possíveis, que da primeira vez poderiam ter passado despercebidos, no entanto não achei nada. Quando saí, fiquei bem desanimada, mas quando olhei para frente, as

minhas esperanças aumentaram, lá estava o escritório da família.

Entrei torcendo para ninguém ter me visto. Liguei a luz e percebi que aquele lugar parecia tão sem vida, por não ter ninguém estudando aqui a essa hora, como Lis fazia, não sei se era impressão minha, mas ali parecia sem vida, sem luz e posso dizer que o ar estava até um pouco rarefeito.

Estava rondando aquela sala não como uma investigadora amadora, mas sim como uma pessoa que sentia falta da vida naquela sala, que antes parecia tão pequena, mas que estava naquele momento imensa. Em um tempo durante a minha reflexão, eu não percebi, mas já estava vendo as fotos e quadros dispostos no ambiente, até que avistei. Lá estava a flor que eu via quase todos os dias quando entrava aqui. Dessa vez não passou despercebido, como das outras vezes. Então abri a foto do celular e coloquei-a ao lado daquela imagem do quadro comparando-as.

- Achei, achei a PB! - Exclamei para mim mesma, que era a única na sala.

É realmente frustrante achar que eu estava sozinha, pois logo após eu dizer isso as luzes da sala apagaram

sozinha. Senti algo na minha cabeça e algo prendendo as minhas mãos e ao invés de rebater, eu apaguei. Tudo ficou escuro.

Não ouvia mais nada.

Não via mais nada.

Não pensava mais nada.

Não sentia mais nada.

A VERDADE

Comecei a enxergar aos poucos a luz e depois minha cabeça voltou ao lugar. Não sabia onde estava. Quando abri totalmente meus olhos, vi naquela sala, que nunca estive antes, doze casais e o mais suspeito é que dentre aqueles pares, tinha rostos bem familiares: Regina e George.

- Quem são vocês? O que estou fazendo aqui? Vão me matar? O que esta rosa em suas mãos significa? Porque estou amarrada? O que é PB? Quem são aquelas doze meninas? O que vão fazer com elas? Onde estão? O que aconteceu com elas? Cadê Lis? - Pergunto em disparada sem deixar espaço para ninguém além de mim falar, por isso fico meio ofegante. E até me levantaria e gritaria mais alto, se não estivesse amarrada em uma cadeira com uma corda extremamente forte.

- Calma, querida. - Regina responde. - Vou te contar tudo, mas precisa prometer que não vai falar para ninguém e que vai nos ajudar a encontrar estas meninas.

-Tudo bem. - Falo um pouco confusa. Por que tamanho sigilo?

- Essa rosa branca é o símbolo dessa sociedade, que tem de nome pétalas brancas. - Falou ela dando uma breve pausa. - Nós éramos somente um grupo de casais da prefeitura que nos reuníamos para falar sobre os problemas políticos. - Outra pausa. - Até que um dia tivemos que guardar um segredo que custou a nossas filhas, então...

- Que segredo é esse? - Interrompi ela.

- Conte a ela. - Falou George, enquanto outra pessoa me desamarrava.

- Antes éramos 14 casais, mas um foi expulso e o outro morto.

- Como? - Pergunto em choque.

- Um homem, desses dois casais, agrediu Stella, a esposa de Jacob, de todas as formas possíveis e a Stella contou para o marido. O problema é que ela estava sendo seguida por esse homem e, logo ao contar para o marido, começou incendiaram a sua casa com ela viva e o marido. Então eles morreram. Porém eu descobri o porquê da morte antes mesmo dela morrer e contei à polícia tudo o que sabia.

O agressor foi preso, mas como seu pai era prefeito na época, eles conseguiram inventar outra motivação para o

crime e a diminuição da pena, mas ele cumpriu os primeiros anos em outra cidade e inventaram alguma coisa. Eu não lembro bem e só depois ele veio para a prisão de Clin High.

– Corruptos! - Ela falou com raiva. - Por causa disso eu fiz uma coisa, que na verdade não me arrependo nem um pouco de ter feito. Vinguei a morte da minha melhor amiga que morrera e não teve justiça. Matei o prefeito. Depois falei para esse grupo o que aconteceu e, ao contrário do que eu pensava, eles me ajudaram e então enterramos o corpo em um aterro e queimamos. - Ela terminou friamente.

- Uau! - Falei ainda processando aquilo. Até que percebi algo estranho naquela história. - Quando isso aconteceu?

- Tem uns 20 anos.

- Harry Bones ...

- O quê? – Ela indagou um pouco surpresa.

- Harry matou a sua melhor amiga e a família dela.

- Como você ... como? - Ela disse em choque.

- Harry é dono da *ASSISTENCE & CIA*, que foi criada há vinte anos de uma forma bem rápida, aliás ele disse que faria uma viagem de negócios para o exterior na época e realmente viajou, mas para a cadeia! – Exclamei. - Então há

cinco anos ele volta de uma forma bem misteriosa e é preso.
- Agora tudo fazia sentido. - Uma semana depois de ele ser solto, suas filhas começam a desaparecer misteriosamente e não se esforçam muito para falar com a polícia por temerem que eles descubram esse crime. - Estava claro. Não tinha como negar. Eu pesquisei e desde o começo achava estranho aquilo. Sabia que era verdade, as expressões deles não mentiam.

- Sim. - Ela falou um pouco sem voz, acho que nem percebeu que havia falado.

- É por isso que precisamos da sua ajuda. Achamos que elas ainda estão vivas. Queremos achá-las. – Falou George.

- Já sei o que fazer. - Falei com segurança. -Tenho um plano!

Eu iria salvá-las!

Sabia disso!

PÂNICO

- É o seguinte. - Falo seriamente. - Aqui temos 25 cérebros. Vamos seguir uma linha de raciocínio.

- E como vamos fazer isso? - Gritou uma mulher ao fundo.

- Vamos pensar no intervalo durante os desaparecimentos. Existe um padrão. Ele dá um espaço de uma semana para cada sequestro e isso ocorre sempre na segunda, ou seja, se ele for matá-las, será na próxima segunda.

- E isso significa que? - Falou outra voz, mas dessa vez era um homem.

- Temos que ser mais rápidos do que ele. - Falou outro homem, exatamente o que eu ia dizer.

- E como faremos isso? - Regina pergunta dessa vez.

Penso um pouco e finalmente respondo: - Calma aí. Esse é um evento beneficente, não? - Falo mais como uma afirmação. - E de bônus tem vocês aqui, o que quer dizer que...

- Ele está aqui! - Afirma George.

Meu coração começou a acelerar imediatamente e todos naquela sala estavam estagnados, sem saber o que fazer. Alguns estavam pálidos, outros tremendo e alguns pararam de piscar e ficaram encarando o chão, enquanto os outros se encaravam. Todos em pânico e completamente sem saída, dominados pelo medo.

- E o que fazemos? - Perguntou Katie, mãe de Lily. Ela estava chorando um pouco.

- É impossível manter a calma, eu sei, por isso que não vou pedir que façam isso, mas saibam que eu vou dar um jeito. Só não saiam daqui. Na verdade, se eu soubesse onde eu estou iria ser mais fácil... - Falei um pouco em pânico, pois, além de salvar 12 garotas, tinha que salvar também 12 casais. O quê eu faria?

- Estamos atrás da lareira do escritório.

- Obrigada. - Então andei até um canto e voltei de novo. - Só para saber, como é que saí daqui?

- Segue esse corredor a sua frente, sobe a escada e abre a porta. - George responde.

- Obrigada. Outra pergunta. Como é que entra? - Estava na verdade tentando fazer de tudo para prolongar a minha saída dali.

- A lareira é uma porta falsa com um desenho realista em 3D, ou seja, precisa só destrancar, com a chave que fica dentro da gaveta do escritório debaixo de alguns papéis. - George responde de novo.

- E como foi feita a...?

- Tem certeza que precisa ir? - Respondeu Regina, em um tom irônico.

- Sim, eu já estou indo. - Não tinha mais como escapar, então segui aquele corredor e voltei à ação.

Fiz tudo que deveria fazer e, por precaução, quando cheguei ao escritório de novo, tranquei a porta, ou a lareira (ainda não entendia o que era aquilo). Depois desci e fui procurar por Harry, acho que dava para reconhecer, mesmo que tivesse visto somente por fotos na internet.

Andei pelo salão e vi que tinha passado uma hora desde que eu estava no escritório, significando que sobrava uma hora para eu achar aquele homem e segui-lo até onde seria o suposto local do crime. No entanto, para isso acontecer, eu tinha que encontrar o homem no evento, e não o via de jeito nenhum.

Aquele lugar estava começando a ficar apertado e sufocante. Então resolvi sair e tomar um ar. Passei uns cinco

minutos lá fora e quando eu ia virando para entrar de volta ao local, vi uma luz por trás bem forte que refletia na parede. Ao me virar, vi que era um carro de luxo, extremamente caro e dele estava saindo um homem relativamente alto, não muito novo, porém muito elegante com um terno vermelho vinho. Já o tinha visto em algum lugar e sabia exatamente quem era. Harry Bones. A pessoa que violentava mulheres, matava famílias e estava mantendo doze meninas presas em algum lugar estava bem na minha frente.

Rapidamente corri para casa antes que aquele sujeito nojento entrasse. Fui correndo ao quarto de Lis, peguei papel e caneta e me tranquei no banheiro do quarto de hóspedes. Lá comecei a desenvolver um plano que iria acabar de vez com isso.

O PLANO

Montei um esquema rápido, no qual tinha o total controle da situação. Eu iria pôr um rastreador no meu celular, conectado com o celular de Regina que estava em cima da mesa do escritório, para assim colocar dentro do carro de Harry e segui-lo. Depois distrai-lo com alguma coisa e libertar as meninas.

Então nessa hora desci e pus meu plano em ação. O primeiro passo era encontrar a chave do carro de Bones. O problema era que elas eram colocadas, na entrada da festa, dentro de uma caixinha, com o dono do dono. Então, para conseguir as chaves, tive que relembrar as aulas de teatro que fiz no verão passado e encenar uma ação. Dirige-me até o balcão onde estava a caixinha e disse:

- Eu gostaria da chave do carro do meu pai, Harry Bones. - Falei soando bem verdadeira.

- Tem uma autorização formal de seu pai?

- Claro que não! Ele pediu para que eu buscasse minha mãe no hospital, porque ela está passando por um momento bem difícil e... - Fingi chorar. - Eu nem queria ter vindo, mas

ela pediu que eu acompanhasse ele e agora ela recebeu o diagnóstico... - comecei a soluçar de chorar. - Não é bom, por favor, eu só quero ver a minha mãe...

- Está aqui, pode ir. Melhoras para ela. - Falou o homem estendendo a chave para mim.

- Obrigada! - Falei ainda chorando e saindo.

Naquele momento abri a porta do carro do homem e coloquei o celular rastreador debaixo do banco de trás. Aguardei lá fora até o momento em que ele fosse precisar do carro. Assim, voltei e falei para a organizadora do evento que haveria uma troca de função de todos os funcionários, uma exigência dos Millicents. Nesse momento, consegui colocar a chave novamente no local.

Agora precisaria de uma distração para Harry ir até o local que ele escondeu as meninas. E eu já tinha pensado nisso. Então falei para uma garçonete do evento servir aquele homem e mandar um bilhete anônimo que eu fiz, dizendo: *“Sei onde elas estão e vou salvá-las.”*.

Fiquei em uma mesa próxima a que ele estava sentado e, enquanto ele não recebia minha doce mensagem, fiz questão de dizer para a organizadora do evento que haveria

um atraso de uma hora. Acho que em uma hora e meia eu poderia resolver aquilo.

Quando vejo Harry recebendo o bilhete, desvio o olhar e volto a fingir que estou anotando algo importante. Nesse momento, percebo uma figura masculina passando por trás de mim e parecia resmungar algo. Quando olhei para o lado, tinha um homem andando um pouco apressado em direção ao corredor de saída. Nessa hora me levantei e comecei a acompanhá-lo, com uma certa distância. Ele tinha caído na armadilha. Agora era só esperá-lo sair e logo em seguida segui-lo de carro.

Após dois minutos de sua saída, entrei no meu carro, liguei o GPS e coloquei uma música de ação como nos filmes, a fim de dramatizar mais ainda aquele momento. Mesmo estando certa, eu ainda estava tensa, mas eu entrei nessa e só saio quando doze meninas estiverem livres e salvas. Lutarei por justiça até o fim e sei disso.

Eu tinha uma missão, tinha me comprometido e iria fazer o certo. No momento em que entrei naquele carro e segui um GPS para um local estranho onde um psicopata estava me guiando sem nem saber, eu sabia que não tinha como escapar. Estava nessa. E mais uma vez a polícia

provava que não faria justiça, mas eu sim, com muito orgulho.

CORAGEM

Estava dirigindo devagar porque não queria chegar ao mesmo tempo que Harry. Admito que estava com medo, mas tinha feito um bom plano. Iria entrar cautelosamente onde as meninas estão presas e, sem ele escutar, sairíamos discretamente. Tinha um plano traçado e daria certo.

Ele já tinha chegado no destino que, de acordo com o GPS, era uma rua um pouco afastada da cidade, porém perto do galpão da *ASSISTENCE & CIA*. Então depois de uns quinze minutos eu já estava lá e para ele não perceber nenhum carro, estacionei em um lugar perto e caminhei até o local.

O lugar era no meio do nada, rodeado por árvores que estavam escuras e sinistras por causa do céu noturno escuro, que tornava o ambiente ainda mais assustador. Quando fui chegando mais perto, vi que era uma estrutura no formato de uma casa antiga e malcuidada, estava com o aspecto velho, sem vida e completamente caindo aos pedaços.

Adquiri coragem o suficiente e encostei os meus ouvidos na parede daquela casa para conseguir ouvir algo e a única coisa que ouvi foi:

- Eu sei que tem alguém vindo atrás de vocês e eu seria um péssimo vilão se não acabasse com isso logo, então eu vou... - O homem não continuou, pois tinha que atender um telefonema.

- Como assim a minha empresa está pegando fogo? - Indagou o homem seguindo em direção a seu carro.

Ele abriu a porta. Ligou o carro. Virou a rua. Saiu. Agora estávamos seguras, todas nós. Tomei coragem e entrei na residência, que estava se definhando ainda mais por dentro. E lá estavam elas. As doze meninas presas em uma grande “caixa de vidro”.

- Íris! - Falou Lis com a voz abafada por causa do vidro, mas conseguia ver muito bem suas lágrimas e seu meio sorriso. Então encostamos nossas cabeças separadas por um vidro extremamente forte e espesso. Estávamos separadas, no entanto sempre conectadas. E agora iria ter a minha irmã de volta.

Dessa forma todas as meninas encostaram suas cabeças no vidro e choraram um pouco. Era um choro de

esperança por ter alguém que poderia salvá-las, era de tristeza, por passar tanto tempo ali, era um choro de coragem por serem torturadas e era um choro de orgulho por terem aguentado aquilo. No fim estávamos todas conectadas e juntas nessa.

- Vou salvar vocês! - Falei articulando com a boca para deixar bem mais claro. Eu iria fazer aquilo e bem feito.

ARMADAS

Na “caixa de vidro” tinha uma fechadura, mas provavelmente ele teria levado a chave com ele depois daquele bilhete. Então saí procurando algum objeto que conseguisse quebrar aquele vidro, até que encontrei um armário no fundo de uma escada que tinha na casa e lá vi uma caixa de instrumentos.

Pronto! Eu já sabia com quem iria quebrar a estrutura: MARTELO. Então, de maneira rápida, voltei para onde as meninas estavam e pedi que eles empurrassem com toda força que restava em seus corpos. Colocamos bastante força e ouvimos uma rachadura que ecoou por toda a sala que ligeiramente foi ficando maior até romper. O vidro cortou todas nós, deixando cada uma com um pouco de sangue pelos braços e pernas, mas aquele seria o último sofrimento, pois agora elas estavam livres.

Nesse momento de alívio, vimos uma sombra se aproximando. Podiam até estar livres, mas nem mesmo eu estava segura. As meninas rapidamente se esconderam e eu e Lis ficamos atrás da porta. Ainda com o martelo na mão, eu

tremia. Estava em pânico. Não tinha planejado isso. Estávamos completamente sem saída. O homem entrou.

- Vocês se acham espertas, não é?! Sei que estão aqui. Apareçam. Sabem que vão morrer de qualquer jeito. Não adianta fugir. - Falou o homem praticamente cantando aquelas palavras.

Lis tomou depressa o martelo de minha mão e foi agachada até lá. Então ouvi o barulho de uma martelada. Pensei: “Ele a matou. Eu a perdi pela segunda vez. Tinha certeza disso.”. Até que ouvi:

- Pronto, meninas! Podem sair, ele já se foi. - Ela falou sem nenhuma emoção na sua voz.

Quando eu saí de detrás da porta, vi o corpo do homem no chão completamente sem vida e debaixo de sua cabeça tinha uma poça de sangue. Eu olhei para Lis e vi suas lágrimas, quando ela disse:

- Eu não deveria ter feito isso! – Fungou.

- Ei, ele não ia matar somente você, sua atitude foi defender todas nós. Sabemos que foi o certo a ser feito, não se culpe e não se arrependa! Ele mereceu! Era um psicopata, agressor nojento, que já deveria ter seu fim há

mais de vinte anos. Está tudo bem. - Falei confortando-a e a abraçando.

Todas estavam em choque, principalmente eu. Sabíamos que era errado, mas ao mesmo tempo era certo. Fizemos justiça. Não era para ser daquele jeito, mas foi e por mais que Lis tivesse feito aquilo, ela continuava boa, lutando não só por ela, mas também por aquelas meninas e aquela família que tinha morrido por causa deste homem. Não entendia e talvez não fizesse sentido, mas aquilo foi a coisa mais certa e errada a se fazer ao mesmo tempo. Eu estava confusa, mas lutava por justiça e ninguém é bonzinho e confiável, talvez nem eu mesma seja. Estava feito! “olho por olho, dente por dente”. Ou melhor sangue por sangue.

- Gente, faremos o quê para não deixarmos rastros? – Perguntou uma menina, que parecia ser a Violeta, quebrando parcialmente a tensão no ar.

- Arranquem a grama. Já sei o que faremos. - Falei com segurança.

- O que você vai fazer? - Perguntou Lis.

- Ele disse que iria matar vocês queimadas. Então significa que tem fósforo ou algum material que queime no bolso dele.

- Você é um gênio! Aprendeu comigo, né? - Falou brincando.

- Claro, professora! - Falei fazendo uma reverência.

- Achei que ia morrer aqui. - Ela lagrimejou - Foi desesperador. Descobri tudo uma semana antes de ser sequestrada e... - Começou a soluçar. - Obrigada. Você me salvou e agora sei que é melhor do que eu jamais seria. Deve ter me procurado igual uma maluca.

Nós duas estávamos chorando em um abraço que não recebia há muito tempo. Choramos abraçadas ao lado do corpo de um assassino. Acho que fomos mais sinceras naquele momento do que nós jamais fomos.

- Tenho minha irmã de volta e é isso que importa! - Falei chorando ainda mais.

- Obrigada! - Ela falou em um sussurro choroso.

Quando as meninas chegaram com a grama, expliquei como iria funcionar. Procuramos alguma coisa que queimasse e achamos no bolso do terno vermelho uma caixa de fósforos. Então colocamos a grama em volta do corpo, acendemos o fogo e corremos em direção ao lado de fora.

Chegamos lá, respirei o ar puro que não sentia há uns dias, mesmo que ali na minha frente tivesse uma casa

prestes a virar pó. Fui em direção ao carro de Harry, que estava com a porta aberta e peguei o celular de Regina. Não o fechei e saímos correndo em direção ao meu carro que estava um pouco longe da casa e bem escondido.

- Ligue para seu pai, mande a nossa localização atual e diga para virem buscar vocês, ok? - Falei apontando o celular para Lis.

Ela apertou alguns botões e em poucos minutos lá estavam os doze casais e suas filhas. Foram emocionantes choros de alívio e alegria. E quando Lis foi até seus pais eu a segui. Eles se envolveram e um abraço apertado e acolhedor e no fim os três estavam chorando muito, o que era justificável. Depois me chamaram para o abraço e me juntei a eles.

Após o reencontro, voltei para minha casa e fiquei mais tranquila, estava sozinha, mas não sentia mais medo. Gostava daquela sensação.

- Mãe, acharam as meninas! - Falei ao entrar em casa.

Ela ficou muito feliz e sorridente e me disse que no outro dia iríamos na casa dos Millicents para comemorar, mas antes ligou para eles para saber de Lis. Eu também falei com minha amiga e ela disse que após retornarem, os pais

acabaram com o evento e todos foram embora para que a família pudesse conversar.

No outro dia fui à casa de Lis e ficamos conversando o dia inteiro, mas minha mãe, assim como o restante da cidade, ficou sabendo da versão da história que nós inventamos. Então quando ela foi embora contamos tudo para os Millicents.

- E sabe o que eu acho mais estranho?! - Falei com um olhar realmente curioso. - Bem na hora que ele ia queimar tudo, ele recebeu essa ligação de que a empresa tinha queimado.

- Querida, nós demos nosso jeitinho. - Regina falou dando uma piscadinha.

Quando estava ficando tarde, voltei para casa e fiquei refletindo sobre o que acontecera. Como todos conseguimos nos corromper em questão de segundos? Como a justiça é feia e, muitas vezes, sangrenta? Como as pessoas que estão mais próximas de nós são as que mais guardam segredos sombrios? E, principalmente, como o sistema escolhe a quem amar e a quem esfaquear sem piedade?

A justiça tinha sido feita E tinha sido justa.

EPÍLOGO

2 dias depois....

Estava sentada no sofá assistindo ao jornal com minha mãe vendo a reportagem que haviam feito com as meninas e o mistério do seu desaparecimento. A primeira entrevistada foi Orquídea, depois Lily e Lis, já as outras não quiseram aparecer na televisão, mas de acordo com essa reportagem todas deram entrevistas para a polícia.

A verdade é que precisaram mentir, falando que conseguiram achar uma saída do esconderijo e sobre a morte de Harry, alegaram que provavelmente cometeu suicídio para não se responsabilizar e voltar para a cadeia.

No fim acho que por mais que a situação tenha sido resolvida, ainda havia algumas pistas que se investigassem mais a fundo iriam descobrir o que fizemos com Harry.

Aquilo poderia ser somente minha mente me dizendo isso, mas a mesma sensação de justiça se misturava com a de culpa. Eu não fui muito mencionada na reportagem, pois pedi para não falarem sobre a minha investigação. Só fui brevemente citada ao falarem da campanha que organizei.

Além de tudo isso, passaram imagens das ruínas do que sobrou do local que foi incendiado e abriram uma investigação profunda na fichada empresa de Harry.

- Meu Deus! Que sufocante! – Minha mãe quebra o silêncio e desliga a televisão.

- Verdade, deve ter sido péssimo - Falei inexpressiva.

A campainha toca.

- Deve ser Lis, volto daqui a pouco. - Falo me dirigindo para a porta e então paro e volto. – Mãe, eu te amo.

- Eu também te amo. - Ela fala um pouco surpresa.

- De verdade, não estou falando só da boca para fora, eu te amo muito e preciso que saiba que é a minha maior inspiração, o meu porto seguro e depois do que aconteceu com as meninas, eu percebi que não digo isso há muito tempo e preciso dizer antes que seja tarde. Eu prometo que nunca vou parar de te amar. Obrigada por ser minha mãe. - Falo chorando e a abraço bem forte.

- Ah, querida. Obrigada você por ser minha filha.

Então saio de casa e me encontro com Lis no carro. No momento em que eu entro no carro ela fala:

- Atrasou de novo...

- Obrigada por ser minha amiga! - Falo abraçando-a. -

E me promete que não vai desaparecer de novo. Ok?

- Eu vou tentar. - Ela fala quase sussurrando.

PARTE II

FINAIS E RECOMEÇOS

Essa manhã parece um pouco cinzenta, meio mórbida. Poderia dizer que o céu tinha encolhido também, há algo um tanto estranho no clima e não somente no que condiz à temperatura, mas também à energia dessa sala. O que sempre parece inquieto está muito calmo e por mais que eu goste de silêncio, essa quietude está me deixando nervosa. A única coisa que escutamos é o barulho da chuva. A janela que estou fixando meu olhar parece maior e não sei por que essa sensação me incomoda.

- Gente, não podemos mais fazer nada, a empresa está falindo e me desculpem dizer isto, mas todos estão demitidos, por motivos superiores. Peguem suas coisas e se organi ... - Não conseguia ouvir mais nada além do zumbido em meus ouvidos, parecia que minha mente estava em um looping sem fim, minhas pernas perderam as forças que tinham e a sensação de enjoo era extrema, eu me sentia fora de controle e devagar comecei a perder toda a energia que me restava, então apaguei completamente.

- Regina, Regina! - George fala esperançosamente. –
O que ele estava fazendo no meu trabalho? Por que eu não
estava trabalhando e ao invés disto estava deitada em uma
maca dentro de um hospital?

- Oi, o que estou fazendo aqui?

- Você teve um desmaio, mas o médico disse que
quando acordasse iria ficar algumas horas em observação e
depois poderia voltar para casa. Está tudo bem?

- Na verdade, estou ótima, deveria estar trabalhando
agora, não é?

- Ah, querida, você foi despedida, mas não se
preocupe.

- O quê?

- Iremos resolver isso logo, mas primeiro você vai ficar
bem e depois a gente ver o que faz. Está bem?

- Ok!

Por mais que eu não queira trabalhar na prefeitura,
abriu uma vaga e não vou mentir, fico um pouco mais feliz,
porque passei uma semana em casa enlouquecendo
completamente por não estar trabalhando e recomeços são
ótimos, então por quê não?

- Nome? - A moça da secretaria pergunta.

- Regina Millicent.

- Você é a esposa do George? – Pergunta a moça de uma forma sutil e delicada, bem como sua expressão. Ela parecia ser da minha idade e tinha uma pele impecável, seus olhos verdes iluminavam o ambiente e seus longos cabelos louros faziam ela parecer mais nova.

- Sou sim, Stella não é? – Falo apontando para seu crachá.

- Ah, sim. A sala fica no próximo corredor à direita. Boa entrevista! - Falou ela com seu sorriso que ao se abrir afundou uma covinha na sua bochecha esquerda fazendo -a parecer mais angelical.

- Obrigada!

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

- Você começa na segunda. - Falou o prefeito me cumprimentando.

Quando sai da saí da sala, fui correndo até o escritório de George para contar a novidade e, obviamente, ele ficou muito feliz. E vou admitir que enquanto eu ia saindo do corredor eu dava risos à toa. Então. Parei. Quando eu estava quase saindo, tive que voltar para prestar atenção em uma coisa. Harry Bones, filho do prefeito, encostou na mesa de Stella e aproximou seu rosto da linda e delicada face dela. Ele passou os dedos pelos olhos dela e sussurrou algo em seu ouvido e uma lágrima escorreu nas bochechas da mulher, que logo ficaram vermelhas.

Então o homem saiu discretamente e entrou em seu escritório como se nada tivesse acontecido, porém outra lágrima escorreu dos olhos daquela mulher e ela saiu em direção ao banheiro. Havia algo estranho no clima, consegui captar a tensão no ar após aquela cena. Além dele fazer ela se sentir muito desconfortável, ele também acabou com o dia dela e por mais feliz que antes eu conseguia me sentir,

posso afirmar com toda convicção que aquilo também me deixou triste. Obrigada, Harry, por acabar com meu dia!

Eu fiquei chocada, nunca pensei que aquilo poderia me atingir tanto, por mais incrível que pareça, aquele simples ato me fez passar o final de semana inteiro pensando em Stella e, silenciosamente, fiquei com medo do que poderia estar acontecendo com ela, estava pensando muito naquilo. Tentava me convencer de que ele não tinha feito nada, mas a forma com que ela se encolheu quando ele chegou, o jeito que sua expressão alegre e radiante ficou pálida e sem vida, o modo como ela o deixou tocar nela, parecia que ela estava morrendo por dentro, o que soava estranho.

Eu não conheço bem Stella, muito menos Harry, mas de alguma forma fiquei muito impressionada com a situação, ficava o tempo inteiro desatenta pensando no que eu tinha presenciado bem a minha frente. Algo de errado ocorria e por menos que eu saiba, eu queria ajudá-la. Não sabia como eu iria fazer isso, mas de certa maneira eu me senti na pele dela por alguns segundos e passei a sentir suas lágrimas. Aquilo poderia ser somente coisas da minha cabeça, mas também poderia ser um sinal para me aproximar dela e entender o que foi aquilo, e por que ela não fez nada.

Segunda – feira

Por mais preocupada que eu estava, aparentei empolgação e entrei naquele prédio, já preparada para me comunicar com Stella como se eu não tivesse visto ela da forma que estava na sexta quando fiz a minha entrevista e me deparei com seja lá o que Harry tenha feito com ela. Fingi um sorriso igual ao que eu iria me deparar a poucos segundos.

Então abri a porta e entrei naquele imenso corredor, de paredes brancas largas, com uma pintura bege no teto, que fazia o local ficar mais alto e, quando cheguei naquele balcão, fui recebida com seu largo sorriso, que a minha imaginação conseguia aos poucos transformá-lo em lágrimas, depois vi-o tocando nela e ...

- Regina! Oi! - Falou ela estralando seus dedos, tirando-me do transe.

- Ah! Oi. Peço desculpa. Acabei me distraíndo.

- Relaxa, eu também sou assim. Seja bem-vinda!

- Você sabe onde eu fico? O prefeito me disse no final da entrevista que você iria me dar as devidas instruções.

- Você fica aqui comigo! Nossa, vai ser tão bom ter uma companhia! - Falou ela quase demonstrando alívio, e

acho que estava aliviada, porque estaria mais protegida, era pelo menos assim que eu gostaria de me sentir se estivesse em seu lugar.

- Realmente trabalhar sozinha deve ser muito chato. Que bom que agora você tem a mim. - Falei em tom de piada.

- É muito bom! - Falou um pouco aliviada, dando um meio sorriso e acredito que aquele era um sorriso de verdade, não era exagerado e bonito como o outro, mas era sincero e talvez ela não pudesse ser sincera com todo mundo.

A CARTA

2 meses depois...

Havia chegado uma carta na caixa de correios, e tenho que admitir que ela era externamente linda. Seu envelope era vermelho vinho com partículas de brilho dourado, e envolta tinham lindas pétalas brancas que deixavam o conteúdo visível mais extravagante. No verso ela tinham os mesmos detalhes, porém seu centro era carimbado com uma linda rosa branca desenhada e no canto direito estava escrito “De: P&B; Para: Millicents.”. Não fazia ideia do que significava o símbolo ou esse P&B, mas acho que George deveria saber. Então esperei ele chegar em casa para abirmos a carta.

Como rotineiro, ele chegou uma hora depois de mim e no momento em que ele abriu a porta, fui correndo em sua direção mostrar o envelope.

- George, você sabe o que é isto, querido? - Perguntei empolgada.

- Boa noite para você também! - Fala em tom irônico.

- É sério, você sabe o que é isso? - Falei entregando o conteúdo em suas mãos.

- Meu Deus! - Exclamou ele em choque. - Não acredito nisso!

- O que foi? Fala logo!!! Está me deixando ansiosa.

- Nós recebemos uma carta ou um convite, quem sabe, da mais importante sociedade da cidade.

- E por que eu nunca ouvi ninguém falar sobre ela?

- Porque ela é secreta!

- E como é que você sabe, se ela é secreta?

- Porque muitos amigos meus já entraram para o clube.

- Ele disse como se fosse óbvio. - Mas chega de enrolação, vamos abrir esse envelope logo.

Sociedade P & B

Clin High, 2 de setembro de 2003

Queridos Millicents,

É com muito prestígio que os convidamos a fazer parte de nossa sociedade. Acompanhamos seu desenvolvimento e, de forma unânime, decidimos que seriam a escolha ideal de caráter social que gostaríamos de ter em nosso grupo.

A sociedade Pétalas Brancas tem ciência de que serão figuras importantes no meio social. Dessa forma, vale ressaltar que este clube faz decisões difíceis que não podem ser divulgadas e seu funcionamento é da forma mais sigilosa possível.

Acreditamos que saberão o que devem escolher. Então, se decidirem fazer parte, saibam que mudará o percurso de suas vidas e que nada nunca mais será o mesmo. Se resolverem fazer parte, nos encontrem no nosso baile de máscaras anual no lugar onde tudo é mascarado e nada é real. Aguardamo-los ansiosamente no sábado às 19:00.

Obs.: Traje formal e não esqueçam suas máscaras.

Atenciosamente,

P&B

- Caramba, parece filme de terror! - Falei um pouco sem fôlego.

- Será onde é esse lugar que tudo é mascarado e nada é real?

- Você não está pensando em fazer isso, não é?

- Nós vamos sim. - Ele falou abrindo um sorrisinho.

Enquanto George falava do como iria ser legal e interessante fazer parte deste clube, a minha mente vagava pelo tempo e voltava dois meses atrás quando o filho do prefeito fez uma simples mulher se sentir apavorada. E então, não entendia por que vi aquela cena de novo, vi o sorriso radiante de Stella se transformar em lágrimas novamente. Aquilo me fez voltar mais no tempo, para o dia em que desmaiei e tive a sensação de que perdi tudo naquele dia, quando na verdade, havia alguém ali para me proteger, diferente dela que acho que nunca contou para ninguém o que havia acontecido.

- Prefeitura! - Falei interrompendo seja lá o que George estava falando.

- O quê? - Ele pergunta confuso.

- É o lugar onde tudo é mascarado e nada é real. - Afirmar como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, e talvez fosse.

- Meu amor, você é uma gênio!! - Falou ele me abraçando.

- É, eu sei. - Afirmar dando risadas.

- Então nós vamos?

- É, vamos!

BAILE DE MÁSCARAS

Dei uma última olhada no espelho antes de irmos. O vestido que eu havia escolhido era vermelho vinho, quase preto, fosco, com um pequeno decote e tinha uma leve fenda, simples, porém elegante, da forma que eu gostava. Eu estava com uma maquiagem leve, mas com uma máscara preta com seu contorno dourado. O canto direito era adornado por plumas pretas combinando, o que demonstrava um pouco de extravagância. Então dei uma rápida voltinha para conferir se estava tudo bem e saí.

A prefeitura estava lotada de carros, porém não se escutavam barulhos. Então fomos até aquela porta imensa que nos recepcionava todos os dias, mas naquele dia tudo era diferente e tinha quase certeza de que não era a mesma porta, ou era somente minha impressão.

Entramos e havia uma música calma tocando, com decorações que mudavam totalmente o ambiente. Todos em volta estavam com roupas de luxo, que provavelmente seria a primeira e a última vez que usariam, e as máscaras

espalhafatosas faziam todas aquelas pessoas parecerem pinturas.

Durante o evento conhecemos algumas pessoas e conversamos com quem já conhecíamos, o prefeito e o presidente do grupo nos deram as boas-vindas e, por mais estranho e sério que aquilo parecia, ao mesmo tempo era muito divertido.

- George, vou ao banheiro. - Avisei-o.

- Tudo bem, guardo seu lugar. - Ele falou pondo minha bolsa em uma cadeira ao seu lado.

Quando estava prestes a entrar no banheiro feminino, ouvi uma voz de um homem, e comecei a espiar na fresta da porta, prendendo o meu ar, para tentar disfarçar minha respiração ofegante.

- Para de me seguir! -Ela falou chorando. - Por favor!!!

– Ela suplicou com o pouco de voz que lhe restava e não sei por que, mas aquela voz me parecia familiar.

- Você não vai escapar! - Falou o homem alto. - Eu te odeio! - Então ele pega o jarro de vidro cheio de flores na bancada das pias do banheiro e arremessa contra a mulher, que ao desviar corta seu braço e ela grita, mas não tão alto. - Era para você ter morrido! - Ele exclama e vem vindo em

direção à porta. Quanto mais ele se aproxima, consigo ver melhor sua face e percebo que aquele homem é, na verdade, Harry Bones. Nesse momento, escondi-me atrás dela e espero que ele não me veja.

Quando ele sai, entro depressa no banheiro. Nesse momento, deparo-me com Stella chorando agachada tentando limpar o grande corte que foi feito em seu braço, enquanto o sangue escorria e caía em seu longo e delicado vestido azul claro, fazendo-o ficar arroxeadado.

- O que aconteceu aqui? - Perguntei em choque, como se não houvesse visto nada.

- Nada. -Ela fungou.

- Tem certeza? - Falei olhando para o braço dela.

- Ah! Isso daqui foi só porque eu fui pegar a minha bolsa e acabou derrubando o vaso de flores. - Ela responde rápido.

- Está saindo muito sangue, é melhor estancar e depois limpar. Depois você tem que ir ao médico para ver a gravidade do acidente. Tudo bem? - Falei isso procurando algum lenço por perto e, como não achei, rasguei a ponta do forro do meu vestido e enrolei em volta de seu braço. - Você

já sabe se vai mesmo viajar no verão? - Falei tentando distraí-la.

- Acho que vou. Sabe, eu... Ai - Falou um pouco alto e uma lágrima desceu de seus olhos.

- Calma, está tudo bem, mas eu preciso tirar esse caco de vidro da sua pele.

- Obrigada. - Falou baixinho, com um olhar sem vida, mas sincero.

Fiz um sim com a cabeça, como um sinal secreto que poderia significar “Eu sei” ou “Você está mentindo, mas eu entendo o porquê”. Então tentei distraí-la enquanto limpava a ferida e fazia um curativo.

- Stella, você veio sozinha ou com seu marido?

- Estou com Jacob.

- Espere aqui, vou dizer para ele que você se machucou e precisa ir embora.

E quando eu estava quase saindo ela disse:

- Obrigada de novo. - Ela falou enquanto uma lágrima descia por sua pele e borrava um pouco da sua maquiagem.

- Mas é sério.

Obrigada mesmo, de verdade.

- Eu vou sempre estar aqui, para o que você precisar e, se quiser me contar qualquer coisa, estarei aqui também.

Achei Jacob, já na saída do corredor do banheiro, e contei a ele o que havia acontecido, quer dizer, o que supostamente havia acontecido. Depois eles foram embora discretamente. Jacob colocou seu paletó nos braços de Stella e saíram. Após toda essa situação, eu pedi para George para nós irmos também. No entanto, ao chegarmos, passei horas pensando naquilo até pegar no sono.

ENTRE DESMAIOS E BILHETES

Duas semanas depois...

Eu estava trabalhando sozinha nesses dias porque Stella ainda estava com seu braço dolorido, porém ela já estava bem melhor, já que todos os dias depois do trabalho eu ia visitá-la para ver se estava tudo bem mesmo. Quando meu horário acabou, fui até a sua casa. Quando cheguei, Jacob atendeu a porta e pensei que estava sozinho, pois não conseguia ouvir nenhum barulho, somente um cheiro muito bom, vindo da cozinha.

- Stella está cozinhando? - Perguntei a ele.

- Ah não, sou eu. Na verdade, ela está no quarto organizando a mala para nossa viagem na próxima semana.

- Posso ir até lá?

- Claro.

Enquanto subia não ouvi nenhum barulho, porém, de repente, escutei uma pancada bem forte vinda do quarto dela. Meu primeiro pensamento foi: “Harry está aqui e está machucando-a de novo.”. Corri em direção ao seu quarto e abri a porta rapidamente sem nenhum plano na cabeça.

Deparei-me com ela caída no chão do quarto, enquanto havia várias roupas, que ela deveria estar segurando antes de desmaiar, espalhadas no chão. Ao seu lado havia um pequeno envelope meio aberto. Confesso que fiquei muito curiosa para saber o conteúdo, por isso, peguei-o e coloquei-o em meu bolso.

- Jacob! Jacob! - Eu gritava nervosa enquanto descia as escadas. - Ela desmaiou! Chame a ambulância! Agora!

A ambulância chegou rápido na casa e levou ela e Jacob para o hospital. Após saírem fui em casa tomar um banho e me trocar para visitá-la, porém, quando cheguei ao banheiro, lembrei do bilhete em meu bolso e decidi ler. Tomei um susto, pois em seu conteúdo, escrito a mão, dizia:

Odeio que esteja viva. Se depender de mim, seu tempo de vida vai encurtar mais. E nem ouse mostrar isso para qualquer pessoa.

No momento em que li aquilo, não demorei muito. Saí do banheiro, peguei a chave do carro e fui o mais rápido que pude para o hospital.

A VERDADE

Estava sentada no sofá cinza claro na sala de espera, enquanto Jacob não saía do quarto. A sensação é apavorante, parece que o meu coração vai sair pela boca e, por mais que nunca tenha trocado nenhuma palavra com Harry, conseguia senti-lo, ouvia seus passos, como se estivesse me seguindo por todo o caminho até o hospital.

- Sua vez. - Falou ele tirando-me dos meus pensamentos. -Eu vou em casa e volto logo. Você pode ficar com ela, por enquanto? Prometo que será rápido.

- Claro, pode ir.

No momento em que entrei, vi seu semblante pálido. Ela parecia mais triste e sem cor, talvez fosse como eu estava vendo-a agora. Dei um meio sorriso triste, assim como ela o fez. Peguei a poltrona branca perto da porta e coloquei ao lado de sua maca.

- Stella, eu preciso te perguntar uma coisa. – Nesse momento, ela falou por cima de minha voz.

- Eu preciso te contar uma coisa! - Então apontei para ela, indicando que era para ela falar.

- Eu vou morrer em pouco tempo. - Ela começou. - Preciso falar para alguém isso logo. - Ela para e então continua ofegante. - Harry Bones vai me matar!!!

- Eu vi o bilhete! Não entendo o motivo! Quando isso tudo começou? – Acho que ela sabia muito bem ao que eu estava me referindo.

- Ele era casado com minha irmã Talita. - Ela chorou um pouco. Então nossa mãe, que morava em outra cidade, ficou doente, e eu disse que iria cuidar dela, porém imprevistos aconteceram e minha irmã teve que ir em meu lugar, mas ... – Ela parou e começou a chorar – O avião caiu. – Sua respiração começou a ficar acelerada e suas lágrimas se multiplicaram. - A partir de então, Harry começou a me odiar e me agredir de todas as formas, verbalmente, psicologicamente, fisicamente. - Seu rosto ficou vermelho e o choro mais intenso. - Sabe o machucado no meu braço? Não foi uma queda, foi ele! - Queria dizer para ela que sabia disso, mas sentia que não podia. Quando pensei que já tinha acabado, ela continuou:

- Mas o pior nem foi Harry, foi o pai dele. – Ela falou isso enquanto encarava a parede metade branca, metade azul claro a sua frente. - Antes de Talita morrer, ele a violou

e tirou tudo de mais sagrado que ela tinha, invadiu sua alma, seu corpo, sua vida completamente, e acho que Harry não faz ideia disso. – Nesse momento, percebi que tanto ela quanto eu estávamos chorando.

- Já me contou, agora conte para Jacob. Você consegue! Ele precisa saber disso! - Falei chorando e encarando-a, então ela fez que sim com a cabeça enquanto seus olhos estavam inundados com a água salgada que percorria sua delicada face.

Então abracei-a, era como se conseguisse sentir sua dor e como se pudesse passar naquele simples gesto um pouco de carinho e empatia que lhe foi retirada. Talvez fosse muito hipócrita dizer que a entendo e sabia como ela estava se sentindo porque, na verdade, eu não tenho nem ideia, nunca passei por isso e não sou capaz de sentir o peso do elefante que está em seu peito há tanto tempo impedindo-a de respirar. Eu queria que ela ficasse bem e acredito que o primeiro passo era desabafar e desabar um pouco, pois ela vem sendo forte por muito tempo, guardando isso para si e se machucando cada vez mais.

Não conseguia imaginar como deveria ser se sentir insegura, como se ninguém pudesse me proteger. Não fazia

ideia de como era dormir e acordar pensando nas agressões. Não fazia ideia de como ela conseguia guardar isso. Não fazia ideia de como era não poder contar para ninguém. Não fazia ideia de quantas vezes ela deve ter chorado sozinha, porque não podia contar para ninguém.

Nesse momento meus pensamentos são interrompidos, pois alguém bate na porta, que se abre parcialmente. Era Jacob, cessando nosso abraço e nossas lágrimas. Ele fixa o olhar em nós e então falo no ouvido de Stella “É agora ou nunca”. E ele entra sem desviar os olhos um segundo.

- Gente, agora eu preciso ir. - Falo um pouco chorosa.

- O que está acontecendo? - Jacob pergunta preocupado.

- Você vai saber logo. - Falo isso quase saindo do quarto.

Enquanto saia daquele local, sentia arrepios em meus braços. Parecia que depois dessa história a minha cabeça tinha aumentado seu peso em dez. Enquanto eu havia diminuído, tudo parecia tão grande e eu parecia minúscula, acho que foi assim que Stella se sentiu por muito tempo. Eu

iria só esperá-la voltar amanhã de manhã para checar se ela estava bem , mas tudo se resolveria, eu tinha certeza.

SOCORRO

O telefone tocava às 3:07 da manhã, o que na verdade me deixava irritada, pois era uma falta de respeito alguém ligar essa hora. No entanto, pensei que poderia ser algo sério e urgente, e decidi atender.

- Oi. - Respondi com a voz carregada de sono.

- Oi, Rebeca. Não precisa mais se preocupar com sua amiguinha, dei um jeito nela e no marido dela. - Era uma voz rouca, pesada e masculina, que conseguiu me assustar ainda mais quando ele começou a soar familiar. Era Harry Bones falando comigo. O telefone desligou, enquanto caía lentamente das minhas mãos. Meu coração acelerava mais a cada segundo.

No mesmo instante acordei George e pedi para que ele dirigisse até a casa de Stella, pois precisava saber se aquilo era somente uma piada de mau gosto ou se era verdade e alguma coisa tinha acontecido com eles.

Chegamos na frente da casa, que se encontrava em chamas e rodeada de pessoas, então caí lentamente no chão e tudo desapareceu...

- Regina, Regina, Regina!! - Ao acordar vejo George me olhando e chamando meu nome repetidas vezes.

- Eles estão dentro da casa? - Pergunto apontando para a casa, com os olhos cheios d'água, como se soubesse a resposta.

Ele fez um sim com a cabeça e me joguei em seus braços, chorei até cansar. Confesso que não aguentava mais fazer isto, mas era só o que me restava. A partir daí, afoguei-me em tristeza e em raiva. Aquela mulher tinha uma chance, ela poderia não ter sofrido tanto, eu iria visitá-la amanhã nessa mesma casa que está em chamas na minha frente, mas agora tudo se resume a pó. Não sobrou nada. Não deu tempo fazer nada.

Na verdade, acho que ela já tinha morrido antes, mas agora está totalmente morta, como se tivesse tirado tudo dela e, quando não houvesse mais nada para tirar, ele se livraria dela como se não tivesse nenhuma importância.

Eu me senti péssima, porque acho que também havia morrido um pouco quando soube que ela morreu, sem ter a chance de se despedir ou falar suas últimas palavras com respeito. Eles foram injustiçados, porque não haviam feito

nada. Quem fez algo foi Harry e ele deveria pagar. Quem fez algo foi o pai de Harry e ele também deveria pagar.

Tudo era errado, torto, camuflado e estranho nessa narrativa. Eles não tiveram saída e, se depender de mim, os Bones também não vão ter. Não vão machucar mais nenhuma menina e usar seu poder para torná-las reféns. Eles vão pagar, até o seu último suspiro. E não adianta o que eles são e quão poderosos são, mas sim, o que eles fizeram, que foi totalmente devastador.

POLÍCIA

Então a sensação não era a mesma, agora sentia minha face arder de ódio, de fogo, sentia que nada poderia me parar até que eu conseguisse encontrar a justiça, não importa o quão feia ela fosse. Eu iria contar a verdade, não importava quem iria acreditar ou não, eu iria lutar contra as injustiças.

- Preciso ir até a polícia agora! - Falo para George.

Dessa forma entramos no carro e durante todo o percurso expliquei para George tudo o que aconteceu deixando-o com raiva, assim como eu me senti quando Stella me falou o que havia acontecido. Ele acelerou o carro ainda mais, para chegarmos na delegacia o mais rápido possível.

- Eu quero falar com a pessoa que manda aqui! - Falei com raiva, logo na entrada da delegacia, ao passar pela porta.

- Poderia se acalmar e esperar um momento, senhora?

- Pergunta a mulher, fazendo o sangue ir para minha cabeça enquanto senti minha raiva atacando cada nervo do corpo.

- Se a senhora fosse queimada viva, iria ficar calma? –
Gritei!

- É ... Eu vou chamá-lo. - Fala a mulher tremendo um pouco.

Ela se levantou rápido, e em um minuto um homem alto e barbudo apareceu, bem típico de policial ignorante de filme de terror, mas ele não me assustava ou intimidava, só me mostrava o quanto eu iria me vingar de todos e iria fazê-los pagarem por tudo que fizeram. A mulher aponta para mim e o delegado vem em minha direção, parecendo muito estressado.

- Senhora, acompanhe-me por favor! - Logo em seguida eu lhe sigo assim como me foi pedido.

- O que aconteceu? - O homem me pergunta ao chegarmos na sala dele.

- Só vou falar na presença do prefeito. - Falo com toda a calma que consigo.

- Desculpe-me, mas não será possível.

- Vai ser sim! - Falo me aproximando de seu rosto. - Eu vou falar com ele e com a polícia, está me entendendo? - Eu me aproximo mais e depois me afasto. -Ou eu saio daqui com informações que vão prejudicar a sua vida e a dele.

- Mas são 4 horas da manhã.

- Não importa! - Olho para ele com olhar sarcástico. -

Eu acordei às 3 horas da manhã.

Então o homem, com muita raiva, pega o telefone e clica em alguns botões, até que o prefeito atende o telefonema e ele sai da sala para conversarem.

- Ele está vindo.

Ficamos vinte minutos sentados nos encarando até que o prefeito chega na sala e o delegado vai recepcioná-lo, enquanto eu fico sentada esperando eles virem até a mesa, pois não queria sair do meu lugar para dizer “oi” a um monstro que destruiu a vida de uma mulher.

- Gostaria de falar comigo, senhorita Millicent?

- Vou direto ao ponto! - Falo sentindo meu sangue fervendo. - Harry agrediu uma mulher por anos e agora a matou queimada. - Olho para ele, percebendo o impacto que fiz ele sentir. - Sabia disso?

- Isso é mentira! - Ele nega friamente.

- Não é não, eu tenho provas, e muitas provas, de que ele fez isso.

- E o que você quer que eu faça? Ela já morreu, não é mesmo? - Ele debocha, fazendo eu perceber a semelhança entre os Bones.

- Ou você prende seu filho e nunca mais o solta, ou eu vou divulgar todas as provas que eu tenho para a TV aberta e sua reputação, que demorou anos para ser construída, vai ser manchada. E lembre-se de falar a verdade! - Falei isso enquanto pensava que de todas as formas ele iria se dar mal, o que era ótimo.

- Então temos um acordo! - Falei com toda a minha paciência, mas ele não respondeu. - Temos ou não um acordo? - Falo alto e forte dessa vez.

- Temos um acordo! - Fala ele estendendo sua mão até a minha para selarmos o acordo. Então saio sem olhar para nenhum dos dois, fechando a porta.

- Deu certo? - Pergunta George depois que eu entro na sala que ele ficou me esperando. Eu apenas aceno fazendo que sim com a cabeça e vejo ele dando um leve suspiro, como se estivesse um pouco aliviado.

Nós passamos o caminho todo em silêncio, parando apenas na frente da minha cafeteria favorita. Sentamos à mesa para fazer nosso pedido.

- Foi tenso lá dentro? - Ele pergunta cortando o silêncio.

- Foi bem estranho. - Falei tentando ser o mais positiva possível, até que olho para a TV da cafeteria e sinto meu coração disparar quando vejo que Harry Bones iria ser preso por roubo de lancha que parecia com a sua e que ele iria cumprir dois anos de cadeia por isso em outra cidade.

Nesse momento fui até o banheiro e, chegando lá, vomitei tudo, mesmo não tendo comido nada, acho que estava jogando para fora tudo que Stella tinha engolido vindo daquela família. Estava limpando tudo de bom que já haviam me falado sobre os Bones, o que era mentira. Senti que precisava tirar aquele peso de minha garganta e simplesmente pôr para fora. Vomitei tudo e, por mais que seja uma péssima sensação, eu me senti mais leve, menos pesada, como se estivesse eliminado quilos de dor que entorpeciam meus músculos e me deixavam fraca, como se estivesse carregando um grande peso que não conseguia suportar.

Após esse momento, fui lavar as minhas mãos, que receberam o pior toque possível, porém me sentia segura para me vingar por Stella, pela sua irmã e por não sei

quantas mulheres que foram abusadas por aquele monstro.
Iria fazer justiça, mesmo se aquilo fosse errado.

A VINGANÇA É UM PRATO QUE SE COME QUENTE

Era fim da tarde quando decidi que faria o prefeito contar a verdade para as pessoas. Ninguém podia acreditar nessa mentira descarada que eles haviam inventado. Eu iria arrancar até a última gota de verdade que ainda lhe restava.

Fui até seu escritório e, quando entrei, lá estava ele, sentado no seu trono esbanjando classe quando, na verdade, é somente mais um mentiroso que se apossa do poder que tem para destruir a vida dos outros.

- Por que mentiu? – Indaguei-o fungando de raiva. - Fui bem clara quando disse que era para contar a verdade.

- Você acha que eu sou bobo o suficiente para fazer isso? - Ele me encara. – Está claro que não tem prova alguma.

- Ah, eu tenho! - Falo estressada. - Inclusive sei o que você fez com a irmã de Stella! - Meu sangue começa a borbulhar. - Pelo visto é uma família de agressores.

Nesse momento, ele levanta de sua cadeira e vem em minha direção, agarrando meu pescoço com muita força e batendo minha cabeça na sua mesa. Sinto minha garganta

começar a fechar e vejo que não tenho mais saída, porém avisto ao meu lado um jarro de flores de vidro bem grosso e o meu instinto de não morrer me faz pegar o objeto rapidamente e jogar em sua cabeça.

Escuto o estalo do vidro quebrando em sua cabeça e suas mãos soltam a minha pele e param de me estrangular devagarinho. O homem cai de joelhos no chão e sua cabeça começa a sangrar, mas, mesmo com pouca força, ele vem em minha direção com mais raiva ainda. Com medo, retiro o estilete que estava dentro de um porta-materiais e atiro em sua cabeça.

O prefeito cai no chão com sangue transbordando de sua cabeça. Fico horrorizada com que fiz e minha primeira ação é correr, talvez eu precisasse me livrar daquela sala, daquele homem, daquele lugar e, principalmente, de mim.

Lembrei da reunião das pétalas brancas que era para todos estarem lá há vinte e cinco minutos. Então achei a solução ou não para o que eu tivesse feito. Corri até a casa de Bárbara que ficava uns seis quilômetros da prefeitura.

Todos estava no quintal e, na hora que cheguei naquela reunião harmônica e cheia de paz, percebi que parecia morta. Meus cabelos estavam bagunçados, parecia

que não dormia há dias e minhas roupas estavam manchadas de gotas de sangue que caíram em mim.

- Eu matei o prefeito!!! - Gritei para todos ouvirem e, de repente, a área barulhenta se transformou em um ambiente silencioso e tenso. - Mas foi em legítima defesa! - Falei olhando para todos. - Sei que não justifica, eu deveria estar na cadeia agora e acreditem que eu vou confessar, mas aquele homem é um monstro, quer dizer era, e seu filho também, ambos são agressores, assassinos, predadores, monstros! - Falei e caí no chão chorando.

George vem até mim e me abraça, depois todos eles se reúnem a minha volta e me abraçam fazendo com que eu não me sentisse tão culpada quanto eu deveria. Nesse momento, pela primeira vez, vi o lado mais sombrio da justiça. Pensei que não é porque uma coisa é justa, que ela é certa ou limpa. Percebi isso no momento em que comecei a ver como tratavam Stella, como Harry a odiava e queria matá-la por algo que ela não teve culpa, ou pelo prefeito ter assediado uma mulher, tirando toda sua vida, alegria e sonhos. Tirando tudo dela, não sei como elas tinham aguentado. Então percebi que naquele momento eu não tinha feito a coisa certa, mas sim a coisa necessária.

- E onde ele está? - Pergunta Christopher.
- No escritório dele. - Respondo chorosa e preocupada.
- Então nós temos que tirá-lo de lá! - George falou.
- Verdade, então vamos. – Falei.

- Não, meu amor, é melhor nós irmos e você fica. Não tem condições de você voltar para aquele lugar! - Falou ele com calma e depois me deu um abraço e algumas pessoas foram atrás dele.

Passei a noite na casa de Barbara até que eles voltassem e, por mais assustador que fosse, eu fiquei menos nervosa. Sentia que nada poderia dar errado, confiava neles e entendia o que eu tinha feito. Era um ambiente de assombração e alívio na minha mente. Estava tudo confuso, por que sentia como se Stella estivesse ali sorrindo de verdade para mim e ao mesmo tempo via aquele homem grande e forte, sem vida, transbordado de sangue, tentando me matar. Era pavorosa a minha mente, o meu estado. Tudo doía e como um passe de mágica parava de doer, eu chorava e depois sorria.

- Onde vocês o colocaram? - Perguntei quando chegaram.

- Nós jogamos dentro de um aterro e queimamos seu corpo para não haver rastros. – Respondeu George.

- Acabou! Estamos livres dele! – Repeti para entender que estava tudo bem!

PREOCUPAÇÕES DESNECESSÁRIAS

Tivemos uma reunião sobre a P&B no dia seguinte, na minha casa, para decidirmos os novos integrantes do grupo. Estávamos todos um pouco tensos, mas aliviados. Na verdade, nunca sei como descrever essas sensações. Era como o clima, poderia estar nublado, mas estava bonito. Chovia e estava frio, mas estava lindo. Comecei a gostar dessa sensação, por mais que não fosse a minha favorita.

Então começamos a fazer um ranking por categoria: bairro, emprego, confiança e educação. Começamos a conversar, comer um pouco, demos risadas. Depois saímos da pauta principal e voltamos de novo para ela. Foi muito divertido e, ao mesmo tempo, sério, não sabia como eles faziam isso, mas trazia uma energia muito boa para o ambiente.

No meio da nossa discussão mais importante, o telefone fixo começa a tocar. Saio por um momento da poltrona para atender os diversos toques que aquele telefone barulhento fazia.

- Lembra de mim, Regina? Eu lembro de você e sei o que você fez! Saiba que quando eu sair desse lugar imundo, eu vou me vingar de você, aliás de vocês! - Falava Harry Bones ao telefone.

- Nunca mais pense em acabar com a vida de ninguém! Pare de me perturbar!!! - Falei isso gritando e desligando o telefone.

Então percebo que todos estão em silêncio e me encarando. Volto para a poltrona e digo:

- Harry Bones falou que vai se vingar da gente e blá, blá, blá, mas eu não ligo, pois ele não vai sair da prisão nunca.

Percebi que o clima tinha pesado um pouco depois que eu falei isso, mas tentei tranquilizá-los dizendo que tudo iria dar certo, que ele não iria atrás de ninguém. Não sei porque estava tão segura disso, mas minha mente já estava vazia de preocupações. Estava bom, já sofri e fiz muita gente sofrer muito. Então decidi que não iria me preocupar mais, eu ia relaxar e esquecer o que tinha acontecido, mesmo que seja impossível, mas eu iria tentar.

PREOCUPAÇÕES NECESSÁRIAS

20 anos depois ...

- Ele voltou! - Falo para George, quando aponto para a TV e nós começamos a nos encarar em choque com a notícia que Harry Bones tinha voltado.

DESAPARECEU?

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, que foram o meu alicerce principal para a criação desse livro. Também sou muito grata aos meus avós (em especial a minha avó Aiosa, que me incentivou durante o processo de criação desta obra), que sempre me dão apoio para a realização de um novo projeto. Sou grata aos meus amigos, que me deram muito apoio para ingressar na Academia Juvenil de Letras (AJULE) e lançar meu livro. Também gostaria de dizer meu muito obrigada para minha prima Nina que fez a capa do meu livro. Somado a isso, expresso imensa gratidão à professora Lara Luiza por ser minha madrinha na elaboração dessa obra, e ao colégio Pro Campus por ser suporte na realização desse sonho.

Luma Beatriz



Luma Beatriz Mourão Mendes, Nascida em 12 de setembro de 2009, natural de Teresina - PI, estuda no Colégio Pro Campus, onde ingressou na Academia Juvenil de Letras da escola (AJULE) em 2023. No ano seguinte, seu primeiro livro intitulado “Rosas Sangrentas”, é

lançado, representando os encantos da escritora por romances de mistério, que a inspiram e mostram diversas realidades.

Lara Luiza



Lara Luiza de Oliveira Santos é natural de Teresina (PI) e nascida em 28 de fevereiro de 1996. É mestra em Estudos Linguísticos e revisora textual. Com uma paixão que transcende, Lara mergulha no mundo da redação e da literatura com muito entusiasmo, buscando transformar a sala de aula em um espaço em que a leitura e a escrita libertem os seus alunos. Atualmente, é orientadora/madrinha na Academia Juvenil de Letras (AJULE), projeto do colégio Pro Campus que permite ao aluno traçar uma jornada de autodescoberta e crescimento por meio da escrita.

Após o misterioso desaparecimento de Lis, sua melhor amiga Íris vai até a polícia para relatar o caso, porém, de acordo com o protocolo, eles só podem iniciar a investigação após 72h.

Então Íris, consumida pela raiva e pelo medo de algo acontecer, decide resolver o caso antes da polícia. Nessa aventura, ela descobrirá bem mais do que planejava e desvendará os segredos mais obscuros que envolvem a família de sua melhor amiga, colocando em evidência dilemas que envolvem o que é certo e errado na busca por justiça.